

Superego

Marta Rezende Cardoso

São Paulo: Escuta, 2002

A quinta-coluna¹

Luís Claudio Figueiredo

O livro recentemente publicado pela psicanalista e professora da UFRJ Marta Cardoso tem como base seus estudos iniciados sob a orientação de Jean Laplanche e que resultaram em uma tese de Doutorado, defendida em Paris, em 1995. Partes significativas desta tese, acrescidas de alguns textos já publicados em forma de artigo, compõem o presente volume. Todo este material, porém, foi remanejado e reorganizado de modo a assegurar uma notável consistência na exposição das idéias da autora. Não se trata, assim, de uma coletânea mas, bem ao contrário, de uma apresentação extremamente sistemática e bem-seqüenciada de seus argumentos e de suas conclusões. Aliás, em uma pesquisa teórica em psicanálise, em que não nos podemos apoiar em casos clínicos ou em questões emergentes da prática do psicanalista, uma situação em que faltam, portanto, aqueles ingredientes que mais facilmente despertam o interesse do leitor e facilitam a captura de sua atenção, tudo depende da

1. Agradeço a Pedro Henrique Rondon pela revisão e sugestões.

capacidade do autor argumentar e expor com clareza e rigor suas idéias. Neste sentido, o livro de Marta Cardoso é exemplar. Raramente se encontra uma argumentação tão bem desenvolvida e exposta com tanta elegância e felicidade.

A sua concepção do superego está totalmente fundada na grande tese de seu orientador: a chamada “teoria da sedução generalizada”; enfim, trata-se de uma tese laplancheana sobre o superego, mesmo que a autora, vez por outra, possa discordar do orientador. Mesmo então, nestas (pequenas) discordâncias, Marta Cardoso consegue ser, por assim dizer, mais realista que o rei, mais coerentemente laplancheana que Laplanche. A coerência, por sinal, é uma das virtudes mais evidentes de seu trabalho, o que, paradoxalmente, pode se constituir também em um de seus limites no que concerne à clínica psicanalítica. Mas isso veremos adiante.

Em poucas palavras, Laplanche sugere e Marta Cardoso leva às últimas conseqüências a tese de que o superego deve ser concebido como um enclave – um *enclave psicótico* – no psiquismo. Uma espécie de inimigo interno, um representante irreduzível e mais ou menos dissimulado do “outro”. Desde a Guerra Espanhola costumamos chamar de “quinta-coluna” aos inimigos internos que esperam na calada da noite – no caso, a noite madrilenha em que se esperava o cerco da cidade pelas quatro colunas franquistas – a hora de revelar suas simpatias pelos inimigos da República. Assim, o superego é uma espécie de quinta-coluna, incrustada no psiquismo para atacá-lo de dentro. Nesta visão, a força e a eficácia desta quinta-coluna têm mais diretamente a ver com a força da pulsionalidade – ela mesma gerada pelas implantações e intromissões da alteridade no psiquismo em construção – do que com as interdições morais, com os ideais e com a culpa pelas transgressões reais ou imaginárias das leis e normas internalizadas. Não se trata, portanto, de entender o superego como herdeiro do complexo de Édipo, como suporte dos ideais do ego e como resultante de processos de identificação. Ao contrário, ele é o que, vindo do impacto do outro sobre mim, não se integra, não se dissolve, não se presta a traduções e a identificações, permanecendo sempre como um inimigo íntimo. Nesta medida, é persecutório – e não moralizante – e apenas de forma derivada e sempre superficial, disfarça-se com a fantasia da moralidade. No fundo, porém, é pouco afeito à ética. Mesmo quando nos produz culpa, segundo Marta Cardoso, isso se deve mais à nossa tentativa de enfrentar as angústias mais primitivas produzidas pela convivência inelutável com as ameaças e os ataques da quinta-coluna – colocando-as no campo do sentido e assim atenuando-as – do que a uma suposta natureza moral deste elemento.

O livro está montado em três partes. Na primeira – “Revisão das teorias de Freud e Melanie Klein” – Marta Cardoso expõe de forma muito didática os impasses que permeiam a construção do conceito de superego em Freud.

Resumidamente, podem ser compreendidos como uma oscilação insanável entre um pólo pulsional e um pólo social, cultural e interditor do superego. Ela, já o sabemos, em prol da consistência, tomará o partido radical de pensar o superego pelo vértice apenas da pulsionalidade. Mas, bem o sabemos, essa também fora a opção de Melanie Klein com sua tese de um superego arcaico e cruel. É por isso que Marta Cardoso se vê obrigada a fazer uma bela passagem pela obra kleiniana, ainda que privilegiando os primeiros escritos, da década de 1920 e 1930 com algumas incursões na década de 1940. Se tivesse ido além, alguns achados kleinianos ainda poderiam ter sido mais explorados como possibilidades de confronto com a tese laplancheana da autora. Por exemplo, em um texto de 1958 (“On the development of mental functioning”), Melanie Klein irá postular a existência de objetos maus tão aterrorizantes – encarnações tão puras da pulsão de morte totalmente separada das pulsões de vida – que nem no superego estão; pois o superego kleiniano, embora surja terrível e persecutório, é capaz de passar por um processo de abrandamento e de relativa integração justamente porque também comporta elementos de ligação e vitais. Já este material que Melanie Klein aponta no texto de 1958 é verdadeiramente tão irredutível, não-integrável e persecutório que a ele bem poderia caber o nome de “enclave psicótico”, sugerido anos mais tarde por Laplanche.

A levar em conta essa idéia de Melanie Klein, Marta Cardoso a teria poupado de algumas críticas que lhe endereça em outros capítulos do livro, quando retoma a herança kleiniana para se posicionar diante dela. De qualquer forma, as semelhanças entre o superego arcaico kleiniano e a idéia de enclave psicótico já são suficientes para impor a Marta Cardoso uma necessidade de diferenciar-se, apontando suas divergências. Há, por exemplo, uma acusação ao biologismo kleiniano – o que me parece bem pouco pertinente, como, aliás, me parece pouco pertinente toda a elaboração de Laplanche contra os “desvios biologizantes”, sejam os de Klein, sejam os de Freud. Também não me parece razoável dizer que Melanie Klein exclui a sexualidade. Ao contrário, o que ocorre é que para ela a “sexualidade” – a pulsionalidade ela mesma – está sempre atravessada pela libido (“amor”, tendência à ligação) e pela agressividade (“ódio”, tendência ao desligamento), como bem o comprovam suas primeiras, e nunca rejeitadas, teorias sobre o sadismo oral. O próprio Winnicott, que não pressupõe uma pulsão destrutiva independente, uma pulsão de morte, falará mais tarde, referindo-se ao mesmo fenômeno, em *ruthless love* para acentuar o caráter violento deste “amor” arcaico, vale dizer, para acentuar a dimensão “atacante” dos primeiros vínculos libidinais. Mas sobre isso não me estenderei.

A outra divergência, essa sim muito bem colocada, diz respeito ao fato de que para Marta Cardoso (e Laplanche), a pulsionalidade é sempre um produto da implantação de uma alteridade, no caso, a sexualidade adulta e inconsciente

dos pais sobre o organismo do bebê e da criança. Assim sendo, este superego encravado – chamado de “arcaico” por Melanie Klein – corresponde efetivamente a um corpo estranho e, mais que isso, a um corpo *inimigo* na intimidade do psiquismo: uma quinta-coluna. Para Melanie Klein, a pulsionalidade já faz parte das condições iniciais do bebê. Muitas vezes os comentadores presumem que isto pressuponha o caráter endógeno da pulsão, mas o mais correto seria dizer que as pulsões pertencem às condições básicas do processo vital que reúne o organismo, seu ambiente e seus objetos por meio de um processo contínuo de projeção e introjeção. Mesmo assim, isso discrepa e muito da tese de que as pulsões são *implantadas* no bebê por seus pais.

A segunda parte do livro – “A metapsicologia do superego” – com três capítulos da tese de doutorado reelaborados é um primor de pesquisa conceitual. Nestes capítulos tratam-se os temas básicos a esta concepção de superego como enclave psicótico: aspectos genéticos e tópicos, aspectos dinâmicos e econômicos e, finalmente, a grande questão das relações entre o superego e a culpa. Não tentarei resumir estes textos que são, na verdade, o *filé mignon* do trabalho de Marta Cardoso. Apenas apontarei algumas questões.

A autora não poderia ter sido mais feliz e convincente na apresentação do caráter traumático da alteridade nos processos de implantação da sexualidade – geradores dos “objetos fonte” no interior do psiquismo – e nos processos de intromissão da sexualidade, geradores do material que resiste a toda tradução e se mantém como enclave não integrável ao psiquismo. A diferença proposta entre, de um lado, uma resistência parcial à tradução e à metabolização e, de outro, a recusa total à tradução, é desenvolvida com esmero. Em contrapartida, embora uma ou duas vezes se mencione que o outro não é só traumatizante, mas também base dos processos de ligação na constituição do psiquismo, este aspecto da alteridade não é em parte alguma elaborado e levado a sério. Há, no meu entender, um evidente desequilíbrio nas idéias de Laplanche acerca desta duplicidade nas funções do Outro – ou dos outros –, na construção do aparelho psíquico, e a tese de Marta Cardoso sobre o superego leva este desequilíbrio longe demais. Marta Cardoso sugere que mesmo quando travestido de moralidade, o superego, que no fundo continua sendo um inimigo íntimo, é *implacável* em suas interdições, prescrições, condenações e exigências. Nesta implacabilidade se mostraria o rabo de um diabo que se quer passar por anjo da guarda. Diríamos que há também uma certa “implacabilidade teórica” na forma de Marta Cardoso conceber este outro tão dominantemente “sexual” e traumático, e este superego tão dominantemente selvagem e persecutório. Isto terá repercussões na clínica, como se verá adiante.

Apenas a título de comparação, se antes, em Melanie Klein, vimos que um superego arcaico pode efetivamente se abrandar – mesmo que reste um irredutível

de horror em alguma área mais recuada e profunda – isso se deve ao fato de que os outros, a mãe em especial, podem desempenhar papéis estruturantes, de continência, de modulação e de integração dos afetos, das fantasias e das pulsões. O mesmo ocorre no pensamento de um autor, sob certos aspectos, ainda mais próximo à teorização laplancheana do superego, Ronald Fairbairn. Em vez de falar em “superego arcaico”, ele prefere falar em maus objetos internos altamente persecutórios, embora um deles persiga na forma de sedutor – o mau objeto libidinal – e o outro persiga explicitamente como sabotador e atacante das experiências boas de tranqüilidade e de prazer. São objetos, como os que formam o enclave psicótico, totalmente destituídos de qualquer moralidade. Só mais tarde vai se constituir, segundo Fairbairn, uma instância superegóica *à la* Freud, implicada com as questões da interdição, mas também com funções de orientação e proteção. Contudo o que no momento interessa é reconhecermos que as estruturas primitivas formadas com os maus objetos internos persecutórios e seus correspondentes egóicos podem se transformar – e esta é a finalidade do processo de análise – no sentido de perder sua força, seu dinamismo demoníaco, e no sentido de se reduzirem as cisões e dissociações do psiquismo. Tudo isso depende de... boas experiências com objetos, ou seja, com objetos que além de proporcionarem interpretações analíticas, favorecem... ligações. Objetos que, segundo Fairbairn, podem, antes de mais nada, *ser encontrados*.

Uma segunda ordem de observações diz respeito aos mecanismos de estruturação psíquica implicados na formação do que Marta Cardoso chama de enclave. Ela, laplancheanamente, insiste nos recalcamientos (primário e secundário) e procura argumentar contra outros mecanismos que poderiam responder pelos estados de dissociação do ego. A mim me pareceu que, neste particular, sua argumentação não foi muito bem-sucedida. Trata-se de uma questão muito importante e complexa para caber em uma resenha. Apenas gostaria de chamar a atenção da autora e de seus leitores para o fato de que a distinção que ela retoma de D. Scarfone entre “conflitualidade” e “paradoxalidade” aponta, a meu ver, para uma distinção entre o que se constitui na base do recalcamiento (o conflito) e o que se constitui na base das cisões (a dissociação). Creio, também, que a *recusa a traduzir*, a interrupção dos processos psíquicos, entre os quais os de “tradução”, para usar a linguagem laplancheana, nos remete ao terreno da *Verleugnung* e da constituição das “duas correntes psíquicas” (Freud) que podem produzir paradoxos (“Eu sei, mas mesmo assim” – Mannoni), mas não podem gerar conflitos; ao contrário, evitam-nos.

Há ainda uma terceira parte – “Superego e psicopatologia: alguns desdobramentos” – em que a autora exercita seu aparato conceitual sobre um caso clínico (o de Louis Althusser), sobre um quadro psicopatológico (Sade e o sadismo), e sobre questões da prática clínica. Os dois primeiros capítulos ajudam

a ver em funcionamento a teoria laplancheana do superego elaborada por Marta Cardoso. O terceiro revela, ao contrário, e obviamente contrariando as intenções de quem o redigiu, os limites de uma clínica que aposte quase todas as fichas na dimensão traumatizante da alteridade e no caráter selvagem e persecutório do superego, deixando ao léu as dimensões de sustentação (Winnicott), continência e *rêverie* (Bion), constituição narcísica (Kohut) e ligação (Green) do objeto e as dimensões “civilizatórias” do superego (sua ligação com os ideais, por exemplo). Afirmando que o processo analítico é “*um reativador da relação com o enigma*” – o que é verdade –, mas deixando de dizer que ele pode ser (e nos casos difíceis, justamente aqueles em que mais se apresentam os enclaves e as dissociações, *deve ser primordialmente*) uma nova possibilidade de constituição psíquica, Marta Cardoso deixa o analista e o paciente ilhados, e mesmo emparedados pela implacabilidade de uma teoria do superego excessivamente coerente.

Minha sugestão é que depois de aprendermos tanto com Marta Cardoso – e há muito a aprender com quem conduz com tanta implacabilidade sua pesquisa, sem hesitações e recuos, sem esmorecimento nem fáceis soluções de compromisso – possamos também reaprender na clínica um outro jogo de cintura. Talvez aquele jogo que Freud tenha expresso a seu modo, com seus impasses, paradoxos e contradições acerca do superego.